

## Duas ou três coisas sobre José Carlos Rodrigues

### Two or three things about José Carlos Rodrigues

**Roberto DaMatta**

*Doutor e Mestre em Antropologia Social pela Harvard University. Professor titular do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.*

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.*

Encontrei Zé Carlos Rodrigues pela primeira vez em 1972, talvez 73, numa ala do Museu Nacional na qual eu tinha um excelente gabinete de trabalho. Nele, entrava-se por uma porta de correr e logo se via uma pequena mesa de reunião, uma velha pia de mão e minha grande e pesada mesa de trabalho em cujo canto, ladeando uma estante, repousava num criado-mudo minha máquina de escrever. Do lado esquerdo da minha mesa, abria-se uma enorme janela pela qual entrava luz e ar puro. Sentado na mesa, com aquela sensação fantasiosa, mas básica de controle, eu via uma grossa parede emoldurada por uma austera estante de ferro onde dormiam dezenas de livros de antropologia social.

Se a memória não me mente, quem me apresentou a um jovem Zé Carlos Rodrigues moreno e de cabelos lisos e muito negros, foi Luiz Felipe de Baeta Neves, que havia feito um ou dois cursos comigo no Museu.

Estávamos, reitero, na década de 70, e o Brasil pensava exatamente como hoje — toda a sua realidade, como cultura, valores, costumes, familismos e simpatias pessoais, se reduzia ao campo do “político” lido formalistamente como “poder”. Qualquer reflexão fora desse campo exigia — exatamente como hoje — todo cuidado. O teto baixo de uma polarização amesquinhada por uma brutal ignorância ao lado de um inconsciente paroquialismo não permitia ultrapassagens diferenciadas. A tábula, como ocorre

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.236>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 21, Nº 44, p.6-9, mai./ago. 2021

até hoje, com as excepcionalidades de obras como a do nosso homenageado, era rasa, nua e crua. Não havia “fake news”; havia cadeia, tortura, perseguição, exclusão, preconceitos elitistas e, repito, muito modismo fundado na autoridade de pensadores estrangeiros.

Eram tempos de chumbo político, e a ditadura militar contaminava as cabeças, mas — naquele Museu Nacional e graças ao nosso professor Roberto Cardoso de Oliveira e depois a um feitio liberal — não havia impedimentos oficiais ao estudo e à pesquisa.

Nosso ideal seguia a fraca, mas confiável, luz da inteligência, na tentativa de realizar um projeto de pensar o mundo e o Brasil de modo antropológico: comparativamente, tendo como guia as perspectivas dos assuntos, povos tribais e segmentos que investigávamos. Não era fácil não ser sectário, politicamente arrogante ou preconceituoso.

Guardo uma imagem nítida e bela do jovem Zé Carlos Rodrigues como um leitor voraz, um intelectual equilibrado e um orientando tranquilo. Ou seja: um orientando que cumpria prazos e orientava o orientador para assuntos em que o “professor” tinha um interesse periférico: o corpo lido na sua universalidade com seus nojos, interdições e tabus e, no limite, a morte com sua soturna e inapelável contrassociabilidade. Fiz, penso, o melhor para guiar o meu mestrando no seu primeiro trabalho, o qual, como revela sua produção, e ensino, se transformou numa vasta e densa obra sociológica e pedagógica, iniciada com o brilho dos livros *O tabu do corpo* e *O tabu da morte*. Eu não sabia, mas tinha como orientando um antropólogo que gosta de escrever e não tem medo de — numa terra de protegidos — opinar.

Uma opressão estúpida agitava os anos 70. Mas, como todo deserto tem oásis, tanto o mundo quanto o Brasil receberam, com um misto de positiva surpresa e muita ambiguidade, o “estruturalismo” de Claude Lévi-Strauss. No mundo intelectual carioca, o estruturalismo, como não podia deixar de ser, estruturou moda, mania e polaridade. No plano profissional da antropologia, Lévi-Strauss solucionava instituições estranhas, o casamento predestinado e o totemismo. Num plano mais profundo, o seu “pensamento selvagem” e a inauguração das suas “mitológicas” abalavam as transcendências das etapas históricas inevitáveis. Seu realismo etnológico, que colocava a cultura como produtora de história, levava a uma nostalgia do transcendente ideológico, desborando com uma franqueza rude segundo a qual

nenhuma sociedade era perfeita. E, mais que isso, que a onipotência tecnológica ocidental revelava um futuro sombrio.

Tais temas foram abordados pelo nosso homenageado em sua obra. No meu caso, o estruturalismo foi básico na relativização do estudo dos dualismos, na modernização da pesquisa de campo com grupos tribais e, numa ponte mais próxima de José Carlos, da literatura, do carnaval, do rito e, finalmente, do Brasil lido como sistema social, e não mais como um país ou Estado Nacional no qual os costumes não tinham sentido ou protagonismo.

Neste contexto, a obra de José Carlos Rodrigues sobressai pela sua coragem de enfrentar temáticas abrangentes como o corpo e a morte. No meu entender, temos aqui estudos pioneiros que nada devem aos nossos heróis civilizadores europeus ou americanos. Pelo contrário, eles devem ser lidos de um modo paralelo na sua originalidade rodrigueana.

Uma segunda coisa que sei do Professor José Carlos Rodrigues ocorreu quando ele se candidatou a um recém-aberto doutorado no Museu Nacional escolhendo-me como orientador. Mais certamente por mim do que pelo seu assunto (um estudo de funerais), nosso homenageado foi reprovado por um membro de sua banca porque não havia respondido satisfatoriamente à pergunta final de um longo exame. Defina — por favor, questionou esse membro da banca — estrutura social.

O outro colega e eu nos entreolhamos parvos ao testemunharmos o tamanho da má-fé embutida na pergunta. O candidato respondeu, mas, obviamente, não satisfez ao membro da banca. Aprovado por mim, mas reprovado por outro, o terceiro professor tendeu para um injusto “não estou feliz com a resposta...”.

O que me parece valioso compartilhar neste momento de *Adeus, Mr. Chips* ao Professor José Carlos Rodrigues foi que ele — embora recusado — jamais internalizou essa injuriosa recusa. Muito pelo contrário, lavou-se do ar pantanoso que dividia o mundo entre os bons e maus e foi para uma airosa Paris, que, como toda boa Pasárgada, lhe recebeu em um doutorado cuja banca reconheceu seus méritos intelectuais.

Registro aqui a altivez de um ex-aluno, hoje consagrado autor e distinto colega, cuja obra tem um indiscutível valor e foi escrita por quem não se rendeu aos ditames de uma patética contaminação política.

**Roberto DaMatta**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0385-3805>

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.*

*Doutor em Antropologia Social pela Harvard University*

*E-mail: [damatta.rlk@terra.com.br](mailto:damatta.rlk@terra.com.br)*

Recebido em: 10 de agosto de 2021.

Aprovado em: 25 de agosto de 2021.

*Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.*